Publicação do Conselho Regional de Psicologia CRP - 07

entre linhas

Março/Abril
2002
Nº13
ANO II

Um espaço de construção da psicologia brasileira

II FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Página 10

Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão será realizado em setembro

editorial

Uma experiência de sucesso

Diferentes do que estamos acostumados, o ano não começa somente em março. Nos meses de janeiro e fevereiro estivemos totalmente submersos no planejamento e organização de nossa participação no II Fórum Social Mundial. Foram três dias de muito trabalho, com a contribuição de nove painelistas, 26 práticas apresentadas e debatidas, além de discussões e comentários que prenderam o público que lotou as salas das oficinas e auditório. A participação de todos indica o sucesso da experiência e a vontade de conquistar um objetivo. Afinal, o que nos uniu nesta grande Torre de Babel construída na PUC, seja como delegados, ouvintes ou simplesmente visitantes, foi a busca de um outro mundo possível.

Depois de passado o encontro, que foi intenso, fizemos nossas avaliações e elas nos remetem a pensar: o que faremos com todas as discussões e questões trabalhadas? Nossa profissão, que completará 40 anos, dá sinais de maturidade ao congregar diversos atores e refletir sobre a prática da psicologia como compromisso social.

Para dar continuidade a este trabalho, apresentamos este EntreLinhas, que traz avaliações sobre o Fórum Social Mundial e convida todos os psicólogos a darem seguimento à construção deste compromisso enquanto produto de nossa prática.

Gestão Inserção

8 de março — Dia Internacional da Mulher

O CRP-07 lembra, neste mês de março, a passagem do Dia Internacional da Mulher. A data faz uma homenagem às 129 mulheres que morreram queimadas na fábrica têxtil onde trabalhavam, em Nova Iorque. Naquele 8 de março de 1857, as operárias ousaram reivindicar a redução da sua jornada de 16 para 10 horas diárias, aumento de salário e melhores condições de trabalho. Como não foram atendidas, resolveram entrar em greve e saíram às ruas para protestar, quando foram reprimidas com violência. Empurradas pela polícia de volta à fábrica, o patrão mandou colocar fogo no prédio, acusando-as de traição.

Gestão Inserção

- Andréa Giesen Lompa
- Carla Garcia Bottega
- Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Célia Angelina Trevisi do Nascimento
- Cristina Armani Madeira
- Dóris Noronha
- Gisele Silva Sanches
- Janice Castilhos Gomes
- Liliana Santos
- Mara Cristina Kozorosky Almeida
- Maria Anastasie de Castro Cortês
- Maria Cristina Carvalho da Silva
- Maria da Graça Corrêa Jacques
- Mylène Geiger
- Ruy Dias Gigante
- Simone Poester Schmidt
- Tatiana Cardoso Baierle
- Vera Elizabeth Verissimo

Diretoria

- Presidente: Andréa Giesen Lompa
- Vice-presidente: Carla Garcia Bottega
- Secretária: Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Tesoureira: Tatiana Cardoso Baierle

Comissão de Comunicação

- Andréa Giesen Lompa
- Mylène Geiger
- Vera Elizabeth Verissimo
- Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Sede
Av. Osvaldo Aranha, 1423 – sala 102
90035.191 – Porto Alegre/RS
Telefone/Fax: (51) 3335.1838
3330.3458
E-mail: crp07@crp07.org.br
Site: www.crp07.org.br

Seção da Serra (aguarde novo endereço)
Informações no CRP-07 (Telefone/Fax: 51 3335.1838 3330.3458)

Seção Sul
Rua Félix da Cunha, 772/304
96.010-000 – Pelotas/RS –
Telefone (53) 227.4197
Representante: Giovani Cantarelli

- Os artigos publicados com assinatura são de inteira responsabilidade do autor e não traduzem, necessariamente, a opinião do Conselho Regional de Psicologia.

- Cartas, artigos e outras manifestações devem ser encaminhadas à Comissão de Comunicação. Os artigos devem ter, no máximo, 35 linhas. Por questão de espaço, as cartas podem ser resumidas.

Edição e textos: Mônica Kanitz (MTb 8103)
Design gráfico: Clô Barcellos/Libretos
Impressão: Pallotti
Tiragem: 7 mil exemplares
Peridiocidade: bimestral
Distribuição gratuita

A diversidade *reunida*

em Porto Alegre

Aqueles que acreditam que a paz e a justiça são possíveis para todos e para o mundo inteiro entraram no ano de 2002 com a expectativa de acompanhar mais um Fórum Social Mundial (FSM). Este grande encontro de cidadãos, movimentos e organizações empenhados na construção de um mundo melhor foi realizado novamente em Porto Alegre, nos primeiros dias de fevereiro. Foram oito dias durante os quais a capital gaúcha esteve em evidência nos noticiários nacionais e internacionais, recebeu milhares de visitantes de outros estados e países e provou que é possível tratar de temas importantes com paixão e também com uma boa dose de equilíbrio. Tudo isso só foi possível graças ao trabalho voluntário das organizações da sociedade civil responsáveis pela organização do FSM, dos governos e servidores da Prefeitura de Porto Alegre e do Estado do RS e dos milhares de porto-alegrenses que que contribuíram como voluntários para a realização do encontro. Também é importante ressaltar a postura extremamente profissional dos taxistas, das tripulações dos ônibus urbanos, dos empresários e funcionários dos hotéis, estabelecimentos comerciais, restaurantes e pontos turísticos, que contribuiram para comprovar que Porto Alegre está preparada para eventos deste porte. Os números finais do FSM atestam a participação de cerca de 85 mil pessoas, entre delegados e ouvintes, que representaram quase cinco mil organizações civis de 131 países. Pelos corredores da PUC, onde foram realizadas a maior parte das atividades, puderam ser ouvidas 186 línguas diferentes, representando 210 etnias. E, para noticiar tudo isso, estavam cadastrados 2400 jornalistas de 80 países.



Fotos do FSM: Patrícia Haubert

Na PUC, estes cidadãos de todo o mundo puderam participar de conferências que giraram em torno de quatro eixos: Produção de Riquezas e a Reprodução Social: O Acesso às Riquezas e a Sustentabilidade: A Afirmação da Sociedade Civil e dos Espaços Públicos: e Poder Político e Ética na Nova Sociedade. Além disso, foram realizadas 800 oficinas e dezenas de seminários relacionados aos eixos das conferências, junto com testemunhos de personalidades que têm uma trajetória de vida ligada às causas do FSM e uma programação cultural intensa. As visitas ao site oficial do Fórum também dão uma dimensão da sua importância: foram 550 mil visitas diárias, realizadas em todas as partes do mundo.



Os Conselhos de Psicologia de todo o Brasil, que assumiram um projeto de compromisso social, participaram do Fórum Social Mundial com um estande, no qual havia material disponível para todos os visitantes, e três oficinas. Os debates foram concorridos e a troca de experiências, intensa. Os estudantes e profissionais da Psicologia e áreas afins lotaram as salas onde foram realizadas as oficinas e o auditório foi pequeno para abrigar todas as pessoas interessadas em ouvir as reflexões do grupo de painelistas formado por Maria Rita Kehl, Glória Diógenes, Céli Pinto, Eduardo Passos, José Moura, Silvia Leser de Mello, Regina Benevides, Maria da Graça Jacques e Ana Marta Lobosque. Durante os três dias, os conferencistas e psicólogos convidados a apresentar seus trabalhos se debruçaram sobre o tema Modos de Subjetivação na Construção de um outro Mundo Possível, dividido em três painéis específicos: a) Desigualdade, Subalternidade e Autonomia; b) Diferença, Preconceito e Inclusão; e c) Redes Sociais, Violência e Solidariedade. Além das oficinas, os Conselhos de Psicologia, através das suas comissões de Direitos Humanos, aproveitaram o Fórum Social Mundial para fazer o lançamento de um nova campanha, que ganhará destaque ao longo deste ano: O Preconceito Racial Humilha, a Humilhação Social faz Sofrer.

Os Conselhos de Psicologia agradecem a todos as pessoas que participaram das oficinas, incluindo aí os conferencistas, os profissionais que apresentaram suas experiências de trabalho e os representantes das instituições de ensino - UFRGS, PUC, ULBRA e UNISINOS - que apoiaram a realização das atividades.

Fórum social: Cartografia efêmera da cidade invisível?

Glória Diógenes
Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFC

Logo que desembarquei em Porto Alegre, dois dias antes de iniciar-se o Fórum, fui informada pelo taxista: estamos esperando 65.000 pessoas, é uma cidade. "Como uma cidade?", indaguei. "É a população de uma cidade de porte médio do Rio Grande do Sul". Imaginei então que cidades de todo o planeta se deslocavam para desenhar uma inusitada cartografia, lugar de "um outro mundo possível". Um território efêmero se projetava através da mistura e composição de fragmentos de lugares, raças, etnias, credos, ideologias, gêneros, ritmos, quereres e saberes. Intensidades de naturezas diversas e dispersas pareciam compôr, de forma mais nítida, uma configuração cartográfica já existente; pareciam apenas dar cores, luz e forma à uma cidade planetária invisível, subterrânea e potente.

Através da janela do táxi em movimento imaginei o cotidiano de todas as grandes metrópoles do planeta: o estranhamento e a insegurança que marca o deslocar-se do indivíduo em meio ao tráfego; o recolhimento à esfera privada; a multidão como lugar da experiência de "sentimentos intensos"[1] e fugazes; a passividade e o *voyeurismo* de seus habitantes em plena esfera pública. Lembrei de Walter Benjamin, da transmutação das cidades de lugares de permanência para lugares de passagem. Porto Alegre produzia uma nova dinâmica territorial: reconduzia a gênese da cidade como necessidade do encontro, da convergência, da associação entre diferentes em torno de um mesmo marco referencial: o desejo de troca e proximidade. Os fragmentos de cidade, espalhados por todo o mundo, mobilizavam-se num extensivo campo vibracional, sinestésico e não-virtual: a necessidade da representação de corpos dentro de uma mesma espacialidade, concreta e táctil. O Fórum é uma *cidade*, é uma *res pública*. Isso significa dizer que o Fórum permite reconfigurar mapas cartográficos de representações de si, de encontro com o outro em finas tessituras de espaços de resistência e construção coletiva. Uma ampliada esfera pública planetária.

Ora, de certo modo, pode-se pensar que o Fórum é um espaço público vivo.[2] Não esquecendo também que a idéia de público torna-se cada vez mais esvaziada de sentido no mundo contemporâneo, na medida em que se publiciza dimensões da esfera íntima (como o programa do Ratinho, Casa dos artistas, Big Brothers, revistas de fofoca) e se privatiza bens de natureza pública: a água, a terra, os mares, o espaço aéreo, dentre tantos outros. Fui experimentando, durante os dois dias que antecederam minha chegada ao Fórum, a sensação de que uma poderosa corrente de energia elétrica se reconstituía em finos fios de resistência. Era preciso, tal qual aprendi com Tatiana,[3] *re-sistire* para poder existir. Era preciso compreender o refluxo da vitalidade da esfera pública para criar novos campos de possibilidades. Lembrando de leituras e discussões nos espaços da universidade retomei a idéia de que o público e privado, ao mesmo tempo que atuam de modo superpostos, provocam uma cisão entre a expressão individual nos domínio da casa, do *ghetto* e da rua. "*À medida que o desequilíbrio entre vida pública e vida íntima foi aumentando as pessoas tornaram-se menos expressivas*".[4] Tornou-se preciso isolar-se e esconder-se no centro das esferas públicas iluminadas. Como bem lembra Maria Cristina Ferraz[5] , num diálogo com Sennett, *ao regime da máscara que se afirmava como tal passou-se, então ao da máscara que esconde um rosto por demais involuntariamente "verdadeiro" para ser exposto, sem anteparos, ao olhar penetrante e devassador de estranhos.* O desejo de potência de um "outro mundo possível" tem como dínamo do *corpus* "Fórum Social" a configuração de uma esfera pública pontilhada por rostos voluntariamente verdadeiros e expressivos. O Fórum é uma festa da vontade de exposição e reconhecimento de pessoas diversas e de lugares sociais múltiplos: um lugar expandido de visibilidade pública.

A grande tarefa é como alinhar as fragmentadas expressões de resistência e construir cartografias sociais globais mais sólidas e permanentes. Isso me remete a um final de tarde no rio Guaíba. Cais do Porto, Armazém A-7. Pessoas de lugares sociais diversos perguntavam-se em uníssono: *o que significa resistência no contexto contemporâneo?* Foi então que naveguei nas águas da imaginação. Voltei para a manifestação de abertura, também nas margens do rio, e pensei na sua força irruptiva, na sua dimensão de celebração da vida. Gosto do olhar de Juliano Pessanha acerca dos rituais de celebração. Ele diz que *celebrar é estar exposto e atingido pelas coisas a ponto de, ao dizê-las, guardar-lhes a vibração, comemorá-las.*[6] Será que, com o encerramento do Fórum, ficam *guardadas* as vibrações experimentadas pelos corpos que empunhavam faixas, bandeiras e palavras vivas? Para onde fluem as vibrações (a)guardadas no momento de des-territorialização de um "mundo possível"? Para onde são canalizados os sentimentos intensos de fraternidades e solidariedades manifestas? Identificar o que nos separa, convocar o que nos une, eis a tarefa. Criar potências intensas de resistência, estar fórum fora do fórum: eis o desafio.

Voltei para o armazém. Naquele momento, alguém lia um trecho do Projeto Resistência e Criação[7]: "*em que medida a criação de potência de singularização, individual e coletiva, constitui a cultura, as artes e a política.* Que singularidades? Durante a manifestação, podia-se observar a segmentação de representações: os negros, os sem terra, os petistas, os que atuam no campo das relações de gênero, os ecologistas... Identifiquei um possível paradoxo que me deixou intrigada: será que essas dimensões de representações *singulares* não são as mesmas que já se encontram em congressos, seminários e fóruns específicos? Durante o Fórum participei de um painel acerca da questão relativa à responsabilidade social de empresas. Coordeno uma Ong e fui movida pela curiosidade de atualizar

"Estou participando das discussões sobre o tema da exclusão e das relações de poder na sociedade. Acho que é fundamental o psicólogo estar envolvido com isso para se quebrar esta visão de que é uma profissão elitista, apesar de existir este espaço. Não podemos esquecer que a Psicologia tem uma relação muito próxima com as diferenças e com a convivência do humano com as diferenças, e que o homem é um ser social, apesar de tudo."

Pedro Henrique Marinho, 19 anos, estudante de Psicologia da Universidade Mackenzie (SP)





essa discussão. Foi então que tive a curiosidade de indagar, a um dos integrantes, se ele participava, freqüentemente, desse tipo de discussão. Ao me informar que sim, perguntei se aquelas pessoas ali reunidas eram ou não as mesmas que ele costumava encontrar nesse tipo de simpósio. Ele então confirmou aquilo que eu já desconfiava: o Fórum corre o risco de se tornar um encontro de natureza sincrônica, porém, atomizada em instâncias "especializadas" de debate. Como criar campos de potência e singularização e, concomitantemente, de expressão da diversidade e complexidade da dimensão coletiva? É preciso, como fala o documento acerca da dimensão de "Resistência e Criação", *criar uma sinergia coletiva (...)*como exercício do *poder de afetar e ser afetado*. Desse modo, uma oficina como a de "Resistência" congrega singularidades e, desse modo, recortada pela diversidade, potencializa a criação. A grande tarefa é fazer acordar desejos e intensidades comodamente adormecidos. A pista que consigo imaginar, ou o atalho possível de ser criado, reside na projeção de outras cartografias que possam reconfigurar as *linhas de fuga* registradas nas experiências do corpo. O corpo é o lugar por onde a paisagem de um "outro mundo possível" pode habitar, resistir. O corpo armazena a sinergia coletiva capaz de nomadizar e se recompor, atravessar mares e continentes, como ondas de "Fóruns em movimento". É preciso entender o Fórum como um campo intenso de energia erótica que faz acender a chama do desejo do outro, de abertura para o outro, de projeção de um imaginário coletivo. Torna-se então necessário entreabrir-se as frestas da sensibilidade, ativar o corpo como lugar de percepção, registro e criação social.

É assim que Juliano fala de um *homem blindado*, que não gosta de estar exposto. Segundo ele, *o homem blindado já não confia em mais nada, nem na vida nem na morte.* No momento de abertura do Fórum, pode-se experimentar um sensação de crença coletiva compartilhada através de uma torrente de pulsões que pareciam romper, mesmo que episodicamente, os lugares blindados da comunicação. Qual seria então o objetivo dos que gestam e organizam o Fórum Social Mundial? Na carta de princípios do Fórum, ressalta-se que ele é "*um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária centrada no ser humano*". A pergunta que ronda a imaginação de quase todos que vão ao Fórum, quando partem é: vou ter que esperar mais um ano para viver um "outro mundo possível"? Desse modo é que acreditamos que são as *palavras de intensidade física*[8] que registram e armazenam a energia vibracional do fórum. É esse furor de intensidades que desmancha, atravessa, fura o corpo do *homem blindado*. Nesse caso, ele não tem mais escolha a não ser se colocar como passagem, como abertura. Uma criativa sensação de desamparo e liberdade o impulsiona. Quando os corpos se permitem deslizar pelos terrenos da incerteza, uma sutil humanidade aciona e mobiliza vontades de criação, atiça os núcleos de resistência. Seremos então, nesse momento, silenciosos e intrinsecamente subjetivos, ruidosos e, compactuadamente, coletivos.

"As oficinas estão ajudando a mostrar que já é hora de começar a discutir as questões sociais, que precisamos ver o que acontece do lado de fora dos nossos consultórios. O psicólogo faz parte deste trabalho. É interessante a maneira como os trabalhos foram estruturados, fazendo com que todos os temas tenham uma ligação."

Viviane Duarte, 27 anos, psicóloga em Caxias do Sul



"É fundamental e muito interessante que os Conselhos se envolvam com as questões sociais porque eu, como estudante, sinto que a Academia está afastada do dia-a-dia, destas transformações que o mundo pede e nas quais o psicólogo precisa estar presente e intervir. A graduação está muito voltada para o atendimento individualizado, de consultório, enquanto o mundo tem uma demanda pelo trabalho do psicólogo. E ele precisa se constituir a partir disso e intervir nestas instituições e movimentos que estão se criando."

Luciana Knijnik, 22 anos, estudante de Psicologia da PUC (RS)



1 Elias, Norbert. A era da Excitação

2 Richard Sennett, no *Declínio do Homem Público, São Paulo, Companhia das letras, 1988.* ressalta as características do que denomina de espaço público morto: "o isolamento em meio à visibilidade pública e a exagerada ênfase nas transações psicológicas se complementam". P. 29

3 Tatiana participou do Fórum de Resistência e Criação, no II Fórum Social

4 Idem. P. 55

5 *Reconfigurações do público e do privado: mutações da cidade tecnológica Contemporânea, mimeo*

6 *A Província da escritura*, Revista Cult, julho de 2001.

7 Projeto organizado por Associação de resistência e criação (Coordenadores: Fátima Cabral e Giuseppe Cocco e composto por Catherine David, Suely Rolnik, Peter Pál Pelbart, Denise B. Sant"anna, dentre outros);

8 Juliano Pessanha (LabTec, P-EPPG, UFRJ.)



"Nos Conselhos, os psicólogos encontram um lugar para falar e colocar suas práticas"

Andrea Lompa

O psicólog

e faz d

Entre uma oficina e outra do Fórum Social Mundial, sobrou tempo para uma conversa bem interessante com Ana Bock, que dirige o Conselho Regional de São Paulo e até o ano passado foi presidente do CFP; Andréa Lompa, presidente do CRP-07; e Odair Furtado, atual presidente do Conselho Federal de Psicologia. A entrevista abordou desde a importância da participação dos psicólogos no Fórum Social Mundial até o futuro da profissão, abrindo um bom espaço para os projetos do CFP para este ano de 2002, no qual se comemora os 40 anos de regulamentação da profissão do psicólogo.



"Uma p
não se
se não
inserid
cenário
se não
seu obj

Entrelinhas - O que motivou o Sistema Conselhos a participar do Fórum Social Mundial?

Odair Furtado - Há três gestões temos esta política de construir e organizar o campo do compromisso social na Psicologia. Portanto, a presença aqui está ligada a esta concepção. Fazendo isto, os Conselhos também se colocam na construção de uma sociedade mais justa e na luta por um mundo melhor. Temos dois planos de atuação. Um deles é orientar o campo da Psicologia, conversando com os psicólogos. Em outro pólo nos relacionamos com a sociedade, conversando com ela como representantes da Psicologia e, ao mesmo tempo, como uma organização da sociedade civil que considera importante o avanço das forças progressistas no País

Ana Bock - Nestas três gestões procuramos trabalhar a idéia de que o Conselho é um órgão de mediação entre a sociedade e a profissão. Ele tem delegação do Estado para cuidar do exercício profissional prestado à população. Isso quer dizer que o objeto de intervenção, a finalidade dos Conselhos é a sociedade e seu bem estar, não a Psicologia ou a profissão. Por isso a importância da construção de um campo do compromisso social, de equilibrar o exercício profissional da Psicologia com as demandas da sociedade brasileira. Para nós, estar em espaços de organização como o Fórum Social Mundial nos permite fazer esta mediação de uma determinada forma, nossa construção política nos leva a escolher locais nos quais a sociedade organizada produz uma fala que nos interessa, lugares que têm a preocupação de garantir à sociedade brasileira melhores condições de vida. Para nós o Fóum Social Mundial é um espaço que permite este diálogo qualificado com a sociedade, além de colocar os psicólogos juntos na luta pela sua transformação...

Andréa Lompa - Esta forma diferenciada de colocação nos faz perceber que os psicólogos têm uma outra forma de aproximação com os Conselhos, que têm interesse maior pelos Conselhos. As pessoas se identificam e estão encontrando um lugar para falar e colocar suas práticas, no qual é possível mostrar seu trabalho.

E - Qual a importância dos temas escolhidos para as oficinas promovidas pelos Conselhos de Psicologia?

Bock - A idéia não é estar só no FSM, mas estar presente de forma significativa e realizando um conjunto de atividades que reúne os psicólogos, traz questões importantes, insere os Conselhos de uma forma comprometida. Não somos só assistentes, somos ativos no FSM. As oficinas trouxeram questões que unificam os projetos que os Conselhos vão desenvolver em conjunto ao longo deste ano e nos quais a intenção é colocar o fenômeno psicológico como algo importante a ser percebido, analisado dentro das questões sociais. Então, trouxemos para o debate três dos grandes problemas que temos na sociedade atualmente: a questão da subalternidade, que reflete a desigualdade social que existe no país; a questão da diferença e da inclusão, que é outra fonte de problemas nas nossas relações sociais; e a questão da violência, colocada hoje como um grande problema para a sociedade. A partir destes três temas procuramos trazer para o grupo a leitura que a Psicologia faz destas questões. O que queremos dizer é que na construção de um mundo melhor todos precisam participar e nós entendemos que está na hora de construir esta participação a partir da psicologia. E o CFP tomou para si, junto com bons parceiros, esta tarefa de fazer isso neste lugar.

E - Vocês acreditam que o futuro da Psicologia acena para este compromisso social, que este é o caminho a ser seguido pelos novos profissionais?

Bock - Nós queremos este futuro, mas isto se constrói no decorrer do exercício profissional, a partir das regulamentações e novas práticas que surgem, da resposta a novas e antigas demandas que aparecem... Podemos ter vários cenários para o futuro e até percebemos que a tendência dominante não é esta que a gente constrói... Nós somos uma força que procura construir um futuro diferente para a nossa profissão, que tradicionalmente tem compromissos com a elite, que oferece trabalhos conservadores e até míopes diante das demandas da população.

Furtado - Eu dividiria esta questão em dois pólos. Um é o político, que nos traz para o FSM. Um compromisso com carta-programa, de gestão, que tem expectativa de transformação da realidade social. E aqui nos encontramos com pessoas que buscam uma sociedade mais justa e igualitária, que respeita diferenças. O segundo pólo é que uma profissão não se realiza se não estiver inserida no cenário profissional nacional, se não cumpre seu objetivo. No nosso caso, é trabalhar com saúde, educação, trabalho e atendendo toda a população. Até hoje a profissão se resolvia na condição de profissional liberal e quem não estava nisso ficava numa condição precária de trabalho. E, curiosamente, com a Psicologia isso já acontece antes do fenômeno da precarização do trabalho imposto com o neoliberalismo. Ao insistir no compromisso social estamos falando para o psicólogo que sua profissão precisa estar presente junto a toda a população, seja no Centro de Saúde, no atendimento ao escolar, no sindicato, precisa garantir isso se quiser sobreviver.

**E - Em que medida vocês per
tendo um entendimento des**

Bock - Fizemos doi
últimos tempos, com o apoi
onais e do Fórum Nacional
que congrega dez entidades
ções importantes. Junto co
na categoria, e com força en
básicas: o compromisso soci
Psicologia com os Direitos H
estão procurando integrar is
trabalho. Isso é forte na ca
estudantes, que organizam s
tas têm o compromisso soci
cações e textos de psicólogos
ram o assunto em prática n
unidades de saúde, enfim, e
sam aplicar seu compromiss
que conseguimos dar nome
psicólogos vinham tentando
Humanos. Hoje quando se f
gos são convidados a particip
parcerias, a dar sua opinião
nhar não é só um sonho, n
realizando e se impondo na
to interessante. Mas temos
discurso e um novo proble
que tem que se relacionar co
cional e conservadora. Aqui
que estão sendo apresentado
te percebe o quanto estas q
no cotidiano dos psicólogos.
caracterizar o compromisso
em seus trabalhos. Foram d
de Práticas em Psicologia,
Compromisso Social, vistos
psicólogos. Ou seja, é muita
desta conversa. Acho que es
cesso este outro futuro para

**E - E quais são os projeto do C
proposta?**

...ico existe ...ferença



...bem que a categoria está ...proposta?

...projetos fantásticos nestes ...e todos os Conselhos regi... ...e Entidades de Psicologia, ...têm construído interven... ...stas conseguimos instalar ...os estudantes, duas idéias ...a Psicologia e a relação da ...manos. Hoje os psicólogos ...ao seu pensamento e seu ...pria e já aparece entre os ...anas de Psicologia e mui... ...como tema. Vemos publi... ...e absorveram isso, coloca... ...dinicas, escolas, empresas, ...todos os lugares onde pos... ...cial na comunidade. Acho ...ra um sentimento que os ...nstruir. A outra é Direitos ...ma atividades os psicólo... ...de caminhadas, de mesas, ...so mostra que esse cami... ...é só discurso, isso está se ...egoria de uma forma mui... ...e pensar que é um novo ...do exercício profissional ...toda uma formação tradi... ...smo, através dos trabalhos ...as oficinas do FSM, a gen... ...ões estão em movimento ...mo estão preocupados em ...cial e os direitos humanos ...mil trabalhos na I Mostra ...se chamava Psicologia e ...17 mil pessoas, a maioria ...te em busca deste espaço, ...mos construindo com su... ...sicologia.

...para continuar com esta

Furtado - Nosso carro-chefe neste ano de 2002 é o Congresso Brasileiro de Psicologia, Ciência e Profissão. É diferente da Mostra por ser promovido pelo Fórum Nacional de Entidades da Psicologia e também por ter um recorte mais acadêmico, com apresentação de mesas e simpósios, já que as entidades envolvidas são de pesquisa. A novidade é que pela primeira vez na história da Psicologia brasileira todas as entidades estarão reunidas num único evento. Estamos esperando quinze mil pessoas para o evento, que será realizado no mês de setembro em São Paulo. Também estamos lançando, neste FSM, a campanha contra o racismo, que enfoca o aspecto diferenciado da subjetividade ligada ao preconceito, ou seja, o sofrimento causado pela humilhação. Com isso damos um novo patamar à luta contra o preconceito e ao mesmo tempo puxamos o assunto para a nossa competência, que é entender o campo da subjetividade. Outra iniciativa é a comemoração pelos 40 anos da profissão, para a qual já estamos preparando o lançamento de uma série de oito programas mensais que irão ao ar pelo Canal Futura a partir de 5 de abril.

E - Como serão estes programas?

Furtado - O pano de fundo é o compromisso social, mas vão trabalhar o medo, a diferença, a memória, a humilhação, enfim, temas de interesse geral da psicologia que interessem aos leigos. O conceito psicológico estará incluso, mas será um programa voltado para a comunidade, mostrando como as pessoas na ruas entendem estes temas e como a Psicologia pode levá-los a entender melhor.

Bock - Sabemos que a questão da subjetividade é pouco visível e compreendida pelas pessoas em geral. Nossa intenção é fazer um programa sem falas teóricas, para despertar a atenção das pessoas para questões do cotidiano, das relações com outras pessoas, questões que normalmente estão carregadas de elementos culturais e sociais e que são, muitas vezes, construídos e expressados de uma maneira que geram o sofrimento. Os programas de televisão são uma boa novidade, estamos curiosos para ver o resultado, já que são um projeto de inserção, de diálogo com sociedade, de mediação com a comunidade, numa linha diferente da Mostra e do Congresso. O lema é "o psicológico existe e faz diferença". Queremos mostrar que não é indiferente, que não é "tanto faz" o seu mundo psicológico. Dependendo de como ele se estrutura, gera sofrimento e relações difíceis, ou pode facilitar a vida. É um elemento importante nas relações e construções de vida.

E - Esta questão do compromisso social é uma nova maneira de ser visto pelo mundo. Como vocês percebem esta questão do mercado? Há abertura, já que estamos nos voltando para este plano social? Nossa profissão é aquela que pode permear todos os grupos, tudo tem a ver com subjetividade... Como os psicólogos podem contribuir?

Bock - Esse movimento massificador pelo qual estamos passando é contraditório. Se por um lado faz com que todos usem as mesmas marcas e roupas, ao mesmo tempo produz um movimento de negação disto, que é a valorização cada vez maior do indivíduo, do seu



"Nosso desafio, agora, é falar do sujeito integrado à sociedade, que é de onde ele tira os elementos para se constituir"

Ana Bock

desenvolvimento próprio. A globalização incentiva tanto o nacionalismo quanto a individualização. Acho que os psicólogos têm um lugar importante, são chamados a responder sobre esta questão da vivência individual. Não nega a essência do sujeito isolado e aí nosso desafio enquanto psicólogos é atender esta demanda sem capitularmos à ideologia da globalização ou do individualismo. Porque os psicólogos sucumbem mais ao discurso do individualismo, o indivíduo é o valor total, temos que descobrir nosso eu, temos um discurso pronto. Nosso desafio agora é falar do sujeito colando-o ao coletivo e à sociedade, que é de onde ele tira os elementos para se constituir. Acho que não perdemos espaço no mercado de trabalho.

Furtado - Esta contradição massificação X individualismo interessa ao neoliberalismo, mas acaba promovendo a psicologia. Nunca os psicólogos estiveram tanto na mídia como agora. Não existe um assunto para o qual o psicólogo não seja chamado a palpitar. E na maior parte das vezes é palpite mesmo, porque não há teorias formadas, nem pesquisas... Mas a imprensa procura especialistas na alma humana, alguém que compreenderia aquilo que muitas vezes é incompreensível. Qualquer fenômeno, seja assassinato de prefeito, seqüestro de lotação ou violência, precisa ser analisado por psicólogos. É uma demanda que, ao mesmo tempo que se transforma num território valoroso, por isso mesmo começa a ser atacada. Exatamente porque há uma certa noção de que a Psicologia é algo não entendido claramente como um campo técnico, é algo que está no campo genérico do saber como compreender o outro. Isto faz com que outros campos comecem a minar o campo deste saber técnico desenvolvido em pesquisas de longos e a partir de conhecimentos centenários. Neste sentido os Conselhos têm procurado cuidar da Psicologia garantindo uma regulamentação para combater a política geral de desregulamentação que se impõe no país neste momento. E, aos poucos, esta política do neoliberalismo vai sendo absorvida e as pessoas passam a pensar desta maneira. É preciso mostrar para a sociedade que é necessário ter segurança em relação aos procedimentos, seja do psicólogo ou do piloto de avião. Esta política, que vai tornando nossa profissão um campo pantanoso, certamente também vai prejudicar a população.

Psicologia na TV

A série de televisão programada pelo CFP e citada nesta entrevista começa a ser exibida pela TV Futura no dia 5 de abril (sexta-feira). Serão oito programas diferentes, que estréiam sempre nas sextas, às 22h30min, com reprise no sábado, às 20h30min. Não deixe de assistir!!

TERAPIAS DA CIDADANIA

Maria Rita Kehl
Psicanalista, ensaísta e poeta,
doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP

O enorme interesse que as oficinas organizadas pelo CFP despertaram durante o II Fórum Social Mundial me fez pensar que o estatuto da psicologia na sociedade brasileira pode estar mudando. A oficina de que participei como comentadora no domingo à tarde foi tão concorrida que, estando a plenária completamente lotada, alguém teve que tomar conta da porta da sala. Do lado de fora, pesssoas ainda esperavam por uma chance de entrar, o que só acontecia na medida em que alguém que estava dentro precisava sair. Fiquei surpresa, pois pensei que somente as discussões políticas fossem tão concorridas no FSM. A psicanálise e a psicologia, enquanto saberes relacionados ao sofrimento individual, não teriam grande prestígio num Fórum organizado com o objetivo de pensar soluçoes para os problemas sociais.

Mas como é possível separar indivíduo e sociedade? Como é possível tratar o subjetivo como uma esfera autônoma em relação ao político? Não se trata de abolir as diferenças entre o público e o privado, entre o individual e o coletivo. Essas diferenças existem, mas não eliminam a profunda interdependência entre essas duas dimensões do sujeito. No Brasil, onde as leis selvagens do capitalismo periférico nos conduziram a um abandono progressivo da esfera pública - destinando todos os investimentos governamentais e privados às áreas capazes de reproduzir o capital, e conseqüentemente desmoralizando o espaço público, que não foi feito para enriquecer ninguém - essa dependência é ainda mais dramática. Quanto mais frágil é a rede de equipamentos e dispositivos públicos destinados a amparar os cidadãos, mais a dimensão política afeta a vida privada das pessoas. É pela falta de cidadania que o sujeito perde a dimensão de sua individualidade, e não o contrário. É porque a gestão dos bens públicos pelo Estado exclui milhões de pessoas da condição de cidadania que todos nós, no Brasil, sofremos individualmente das doenças da nossa sociedade. Grande parte de nosso mal estar, que parece individual, advém dos males da vida social.

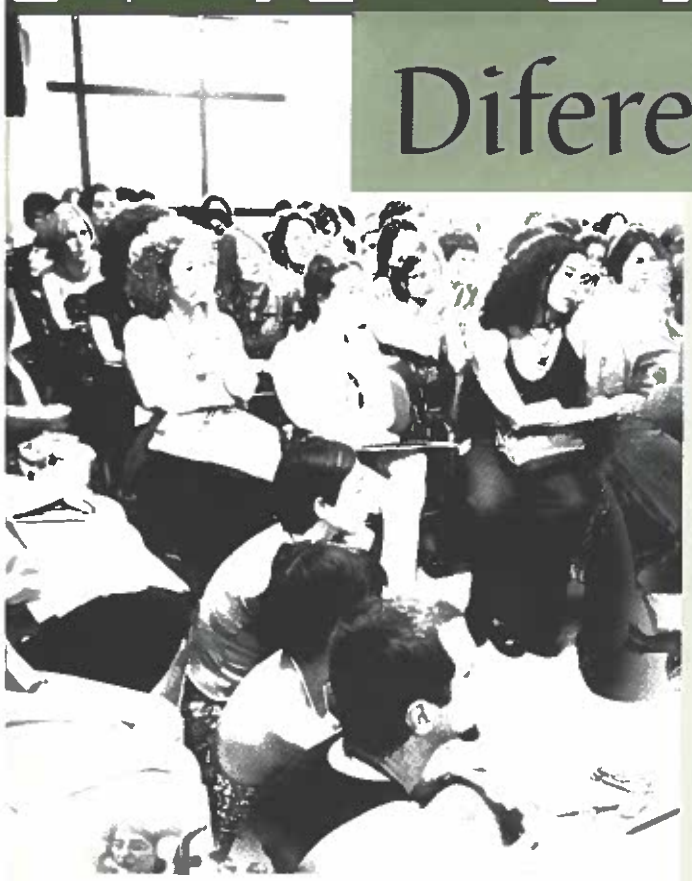
Recentemente, a revista Veja publicou uma reportagem de capa a respeito dos sonhos da classe média brasileira. O carro novo e a casa própria já não são mais os grandes objetos do desejo dos brasileiros, dizia o outdoor que anunciava a Veja daquela semana. Hoje, o povo sonha com uma boa escola, um plano de saúde e uma aposentadoria privada. Pois é: a classe média brasileira começa a encarar como bens de consumo, portanto como privilégio dos que podem pagar, três ítens que o governo deveria garantir à população para lhes assegurar um padrão mínimo de vida decente. Se a classe média pensa que saúde, educação e aposentadoria são BENS DE CONSUMO e sonha com eles como há poucos anos sonhava com o carro novo, isso significa que a falência das políticas públicas brasileiras invade a vida privada do cidadão. Digamos que os adolescentes brasileiros sofram de depressão e insegurança, e na impossibilidade de reagir contra isso ainda arrumem uma encrenca a mais, entrando fundo no consumo de drogas. Seriam estes, sintomas individuais? Certamente não. Os adolescentes se deprimem e se drogam por muitas razões, mas à frente de todas elas estão o desemprego, o horizonte sombrio e sem perspectivas que acena com maior severidade para aqueles que experimentaram as condições de abandono e desprestígio que caracteriza o ensino na maioria das escolas públicas do país.

Sabemos que muitas mulheres demoram a reagir aos maus tratos domésticos por parte de um pai ou marido violentos, e passam anos suportando surras e ameaças sem buscar meios de se defender. Pessoas desinformadas e de poucos recursos materiais, quando sofrem discriminação racial ou são humilhadas no trabalho, freqüentemente se conformam e sofrem em silêncio, ou se entregam ao alcoolismo. A psicopatologia individual, se é que isso existe, é insuficiente para explicar ou tratar casos como estes. O fato é que as pessoas se deprimem e se conformam com sua falta de direitos na medida direta em que esses direitos lhes são recusados. Nós, profissionais liberais, de formação universitária e uma renda mínima capaz de prover nossas famílias de recursos pelo menos dignos, temos grande dificuldade em entender o desamparo subjetivo de pessoas que não contam com nenhuma rede de apoio além da solidariedade e do afeto da própria família. Quem pode pagar, ainda que com sacrifício, uma escola razoável para os filhos, um médico confiável, um advogado para tentar se proteger de abusos e injustiças, não tem muita idéia de como o psiquismo é afetado pelas condições de desamparo absoluto em que vive a maioria dos brasileiros. É tarefa da psicologia, no Brasil, produzir conhecimentos atualizados a esse respeito.

Às vezes também me pergunto como a condição de brasileiros, ainda que em situação privilegiada, afeta a todos nós. O cinismo com que reagimos ao peso excessivo das notícias sobre a corrupção, a desesperança que frequentemente toma conta de nós em relação ao futuro político do país, o pensamento conformista de que "esse país não tem jeito", tudo isso afeta nossa auto estima, nossa confiança na vida e em nós mesmos. Viver permanentemente com medo de nossos semelhantes, seja ele um miserável desempregado, um adolescente viciado em crack, um sequestrador trabalhando para o crime organizado, um policial violento ou um comerciante desonesto, certamente afeta nossa saúde física e men tal. Viver sem esperar nada do futuro certamente nos predispõe à depressão. Apostar no consumo como único consolo para a pobreza ética e estética de nossa existência deve nos predispor à compulsão. Posso seguir indefinidamente imaginando situações para ilustrar o fato de que hoje no Brasil, mais do que nunca, toda psicologia deve ser TAMBÉM uma psicologia social. Freud já havia chamado a atenção para este fato, dizendo que a psicanálise é sempre uma "psicologia de grupo", ou seja: o outro é parte integrante de nosso inconsciente.

"Vi o tema, me interessei e me surpreendi com a qualidade do encontro. Confesso que há muito tempo não participava de um evento tão proveitoso. Acompanhei uma discussão muito interessante sobre grupos de adolescentes com a Glória Diógenes, que falou sobre a necessidade urgente de se romper com a lógica tradicional do que se aprende na universidade. Ao invés de termos a pretensão de reinserir e desqualificar os adolescentes em conflito com a lei, deveríamos tentar aproveitar as teias vivas das suas relações. É uma discussão muito proveitosa."

Vládia Paz, 34 anos, Diretora Sócio-educativa da Febem



Diferença, subalternidade *e autonomia:*

o saber/fazer em Psicologia produzido/ reproduzido nos cursos de formação.

Maria da Graça Jacques
Psicóloga conselheira do CRP-07 e professora da Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS

Diferença, subalternidade e autonomia: temática de uma das oficinas propostas pelos Conselho Regional de Psicologia do RS e Conselho Federal de Psicologia, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, Curso de Psicologia da Unisinos e Curso de Psicologia da ULBRA. Tal temática não poderia deixar de problematizar a questão da formação, em graduação e pós-graduação, em instituições universitárias e não universitárias, formação ainda prioritariamente voltada para atender "as demandas de mercado" (e não criar demandas) de forma "*neutra, apolítica, asséptica e acrítica*".[1]

Entendendo diferença e igualdade, subalternidade e autonomia, não como categorias dicotômicas e ou excludentes, mas que coexistem em uma relação dialética, é possível empreender um exame da formação em Psicologia, enquanto ciência e profissão, a partir desses recortes temáticos.

A dicotomia ciência e profissão, não resolvida satisfatoriamente nos diferentes cursos de formação, revela uma homogeneidade na subalternidade da Psicologia a procedimentos emprestados de outras ciências – as ciências físicas e naturais, e ou profissões consolidadas – especialmente o modelo médico, ao mesmo tempo, uma busca de autonomia e de consolidação como disciplina independente e como profissão com reconhecimento social. Como disciplina independente, constitui-se a partir de uma igualdade temática com sua origem filosófica, marcando a sua diferença pela ruptura metodológica. Como profissão, subordina-se a perspectiva adaptacionista, enquanto um substituto científico à moral clássica através da qual a sociedade delega os poderes de determinar o lugar da diferença, a partir da busca da igualdade, na solução dos problemas sociais. A perspectiva adaptacionista que vai caracterizar o saber/fazer psicológico é reproduzida nos cursos de formação, cujas práticas continuamente ensinadas se circunscrevem a prever e controlar, selecionar e orientar, práticas essas mais ou menos visíveis, porque com mais ou menos disfarces, nos diferentes campos de atuação.

Compartilhamos, no espaço dessa oficina temática, com experiências para uma formação em Psicologia capazes de proporem rupturas na tradição reprodutiva, em que diferença e igualdade, subalternidade e autonomia se entrelaçam no cotidiano da produção do saber psicológico e na inserção social do fazer psicológico. Compartilhamos a ousadia de colegas que empreenderam a construção de saberes e fazeres em Psicologia, especificamente na formação de psicólogos, ao encontro da recomendação de Hilton Japiassú *"da necessidade da Psicologia renunciar aquilo que ela é ou aquilo que está sendo feito dela, para criar a possibilidade de renascer e de novamente poder falar do homem".*[2] Eu acrescentaria: para poder sonhar. Fernando Pessoa[3] (no heteronônimo Álvaro de Campos), quando se refere as suas angústias noturnas sobre *"o que não fui, o que eu não fiz, o que eu nem sequer sonhei"*, conclui:

"Pode ser que para o outro mundo
eu possa levar o que sonhei
Mas poderei levar para
o outro mundo o que eu deixei de sonhar?
Esses sim, os sonhos por haver,
é que são o cadáver."

Sonhar que um outro mundo é possível foi o tema deste II Fórum Social Mundial, que se expressa no sonho, no projeto e na ação de uma formação em Psicologia que promova a autonomia e a subalternidade à ética, que promova a diferença na igualdade e que essa formação se materialize na sua construção como ciência e profissão. Examinamos algumas alternativas. Outras muitas estão para serem sonhadas e construídas.

1 Palavras emprestadas de Marisa Eizerick para caracterizar o fazer da Psicologia. Em: Eizerick, M. Psicologia hoje: uma análise do que fazer psicológico. *Psicologia, Ciência e Profissão*, CFP, ano 8, n. 1, p. 27-33, 1988.

2 JAPIASSÚ, H. *Introdução à epistemologia da Psicologia.* 3.ed., R.J.: Imago, 1982, p.163.

3 PESSOA, F. *Poemas.* R.J.:Nova Fronteira, 1985, p. 103-4.

A participação do CFP no Fórum Social Mundial é fundamental, pois não se constrói um projeto alternativo de sociedade, nas condições contemporâneas, sem levar em conta a dimensão subjetiva e a existência do inconsciente. Do lado dos psicólogos, tanto os que trabalham em consultórios particulares quanto, especialmente, os que atuam junto à rede pública ou em ONGS voltadas para a população carente, os debates ocorridos nesse segundo Fórum mostraram que é impossível se pensar em curar o sujeito sem levar em conta sua inserção social e a presença ou ausência de redes de apoio capazes de promover uma sustentação objetiva, indissociável de sua sustentação subjetiva.

"Acho muito importante os psicólogos se inserirem nestas questões mais amplas que dizem respeito à sociedade. Mas também acho muito importante a interlocução com outras áreas, como foi o caso da cientista política Céli Pinto. Intervenções como a dela deslocam o nosso discurso para outras áreas, nos possibilitando trabalhar em rede e no aspecto das esferas públicas, das políticas públicas. Também é muito válida esta troca de experiências, pena que o tempo é tão restrito."

Luciane de Conti, 31 anos, psicóloga e professora universitária.



Em setembro,
Congresso Brasileiro Psicologia:
Ciência e *Profissão*

Psicólogos de todo o Brasil têm um grande encontro entre os dias 1º e 5 de setembro deste ano em São Paulo, quando será realizado o I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão. O objetivo do congresso é dar espaço para todos os psicólogos discutirem práticas ou atividades científicas relacionadas com o seu cotidiano profissional. Isso vai acontecer através de simpósios, mesas-redondas e painéis, que podem ser propostos pelos interessados em participar.

O Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, responsável pela realização do encontro, espera a participação de milhares de pessoas, entre profissionais e estudantes de Psicologia e também de representantes de outras categorias relacionadas à área psi. Mas atenção: as inscrições de trabalhos se encerram no dia 5 de abril. Mais informações no site do CRP-07: www.crp07.org.br

CFP aprova resoluções sobre avaliação psicológica

Duas novas resoluções para o exercício profissional da Psicologia elaboradas na última APAF (Assembléia de Políticas Administrativas e Financeiras) foram aprovadas pelo Conselho Federal de Psicologia. Uma delas – de número 30/2001 – instituiu um manual para orientar o profissional na elaboração de documentos e procedimentos técnicos relativos à avaliação psicológica, com o objetivo de aprimorar e qualificar os instrumentos e procedimentos de trabalho. A outra resolução é a 25/2001, que define teste psicológico como método de avaliação privativo do psicólogo e regulamenta sua elaboração, comercialização e uso. Uma comissão de especialistas, indicada pelo CFP, vai examinar todos os testes que estão no mercado atualmente para definir quais têm condições de ser utilizados. O mesmo vale para os testes estrangeiros, sendo que ambos serão revisados a cada dez anos.

Um tribunal marcante

Simone Poester Schmidt
Psicóloga conselheira do CRP-07

Um ato de resistência contra as instituições psiquiátricas ocorreu em Brasília no dia 11 de dezembro de 2001. Foi o Tribunal dos Crimes da Paz – O Hospital Psiquiátrico no Banco dos Réus, promovido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em parceria com a Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Deputados, com o Fórum de Entidades Nacionais de Trabalhadores da Área da Saúde (FENTAS) e Associação dos Juízes pela Democracia.

O Tribunal aglutinou várias forças comprometidas com o processo da Reforma Psiquiátrica e com os Direitos Humanos. Desta forma, as Comissões de Direitos Humanos e Políticas Públicas do Conselho Regional de Psicologia do RS (CRP/07), mobilizadas pela convocação e parceria nessa luta, fizeram-se presentes na construção da avaliação e estratégias para o avanço de um Estado de direito para toda a população brasileira. A mobilização também apontou para a construção de um sistema de atenção à saúde mental que seja ético, democrático, digno e tecnicamente eficiente. No Tribunal dos Crimes da Paz ocorreu o julgamento simbólico dos Hospitais Psiquiátricos por crimes cometidos contra os direitos humanos no país. Durante o processo ouviu-se muitos testemunhos de familiares, usuários, técnicos, gestores, prestadores de serviço, todos muitos incisivos no caráter desumano e reprodutor de loucura do modelo atual.

Ao término do julgamento simbólico os Hospitais Psiquiátricos foram condenados por unanimidade pelos crimes cometidos ao longo dos anos e alguns encaminhamentos foram levantados:

- **Fechamento imediato dos Hospitais Psiquiátricos;**
- **Redimensionamento imediato dos recursos das internações hospitalares para os serviços substitutivos;**
- **Campanha nacional na mídia, por parte do Ministério da Saúde, sobre os crimes e violações de direitos realizados nos hospitais, que também mostre a rede de serviços substitutivo já existente.**

Mas este não foi um dia qualquer para a saúde mental e sim um momento em que todos nós, integrantes de movimentos sociais e/ou da luta antimanicomial, comemoramos a conquista democrática do controle social sobre o Sistema Único de Saúde (SUS). Isso se deu através da realização da III Conferência Nacional de Saúde Mental (III CNSM), que começou na noite de 11 de dezembro e trouxe muitas conquistas para o campo da Saúde Mental. Era um encontro mais do que necessário, já que a última Conferência tinha sido realizada em 1982. E, dada a importância deste momento, esperado há nove anos, o CFP e seus parceiros entenderam ser estratégico participar fazendo uma afirmação com perspectivas para a organização de serviços substitutivos. Isso pode acontecer com a mudança radical da rede de serviço, até agora baseada no Hospital Psiquiátrico, por uma rede apoiada em unidades de atenção diária focando a comunidade com uma visão para a reabilitação, inserção e resgate da cidadania.

Outro passo importante neste campo foi a comemoração, em abril do ano passado, do Dia Mundial da Saúde, promulgado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), cujo tema era Saúde Mental e teve como lema Cuidar Sim, Excluir Não. Neste mesmo mês foi aprovado o projeto de lei nº 10.216 do Deputado Federal Paulo Delgado, que hoje, como lei sancionada pelo Presidente, estabelece um conjunto de exigências éticas, políticas, administrativas e técnicas para a operacionalização de um sistema de atenção integral a Saúde Mental no Brasil.

Registro de especialistas

A Comissão Especial de Análise para Concessão de Título Profissional de Especialistas continua trabalhando na avaliação dos processos encaminhados ao CRP-07. Devido ao grande número de pedidos de registro, a comissão não poderá concluir o trabalho na data prevista, mas esclarece que está agilizando ao máximo o processo. À medida em que os resultados forem conhecidos, os psicólogos serão comunicados através de correspondência.

Psicólogos discutem novas diretrizes curriculares

O CRP-07 participou, em janeiro, de um fórum aberto promovido pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) e Conselho Nacional de Entidades Estudantis de Psicologia (CONEP). O encontro foi realizado para a organização de uma nova proposta de diretrizes curriculares para os cursos de graduação em psicologia. O documento elaborado anteriormente pela Comissão de Especialistas e aprovado pelo Conselho Nacional de Educação em novembro de 2001, não foi homologado pelo Ministro da Educação. Os psicólogos esperam, para as próximas semanas, uma posição do Ministério. O CRP-07, que esteve representado por Maria da Graça Jacques, Claúdia Lazarin e Walter Cruz, conseguiu que fossem aprovadas as propostas já debatidas entre a Comissão de Formação e o grupo de Gestores dos Cursos de Psicologia do Rio Grande do Sul. Veja o novo documento proposto pelos psicólogos no site do CRP-07: www.crp07.org.br

Novo grupo de trabalho sobre avaliação psicológica

• No dia nove de março, o CRP-07 promoveu um encontro para a discussão de questões referentes à avaliação psicológica. A intenção é formar um grupo de trabalho que reúna profissionais interessados no assunto, já que o mesmo vem passando por um processo de aprimoramento. Na próxima edição do EntreLinhas serão apresentados os resultados deste primeiro encontro.

Reuniões do Trânsito

• A Comissão Especial do Trânsito já definiu as datas e horários das suas próximas reuniões. No mês de março haverá um encontro no dia 23, às 9h. Em abril, as reuniões serão nos dias três (quarta-feira), às 20h, e 27 (sábado), às 9h. As datas de maio são as seguintes: dia oito, às 20h, e no dia 25, às 9h. As reuniões são realizadas no auditório do CRP-07 e estão abertas a todos os psicólogos interessados.

I Jornada de Estudos em Psicologia da Universidade de Caxias do Sul
Tema: Sexualidades – do desejo à cultura
De 4 a 6 de abril, em Caxias do Sul (RS)
Inscrições abertas no Depto. de Psicologia da UCS
Informações (54) 218.2597 ou 218.2100

A Psicologia Junguiana nos Contos de Fadas
Dias 23 e 30 de março, em Porto Alegre
Curso com inscrições abertas na Editora Paulus
Informações (51) 3227.7315

Coordenação de grupos: experiência teórico-vivencial
Cursos do Instituto Pichon-Rivière
Inscrições até 15 de abril
Informações (51) 3331.7467

Revisitando a Clínica de Freud
Curso para profissionais e estudantes de Psicologia
Início em abril de 2002
Inscrições no Núcleo de Estudos Sigmund Freud
Informações (51) 3334.6400 ou 3338.6361

Introdução ao Pensamento de Jacques Lacan
Início em abril de 2002 em Porto Alegre, Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul
Inscrições abertas no Centro de Estudos Lacanianos
Informações (51) 3713.3630

Especialização de Psicoterapeutas de Adultos Maduros
Início em março de 2002
Inscrições abertas no CLAM
Informações (51) 3328.0622

Seminários sobre psicoterapia de adulto e infantil e Psicopatologia
Início em março de 2002
Inscrições abertas no Gaepsi
Informações (51) 3331.3781

Por uma Clínica do Social: Relações entre a Esfera Pública e a Esfera Privada na Psicologia
Curso de Extensão da Faculdade de Psicologia da PUC-RS
Dias 21 e 22 de março na PUC-RS
Inscrições até 20 de março
Informações (51) 3320.3500

X Jornada da SIG
Tema: A Dor da DesEsperança
Dias 19 e 20 de abril, em Porto Alegre
Informações (51) 3334.6400 ou 3338.6361

XIV Jornada Anual do IEPP
Tema: Dimensões do Infantil na Clínica Psicoterápica
Dias 7 e 8 de junho em Porto Alegre
Informações (51) 3333.4801 ou 3335.3534

III Curso de Extensão em Clínica Psiquiátrica
Curso com oito módulos independentes
Início em maio de 2002
Inscrições abertas no Centro de Estudos Luis Guedes/ UFRGS
Informações (51) 3330.5655

Especialização de Psicoterapeutas de Adulto Maduro
Público-alvo: profissionais de psicologia e medicina
Início em março de 2002
Inscrições abertas no GEA
Informações (51) 3330.6404 ou 3321.1573

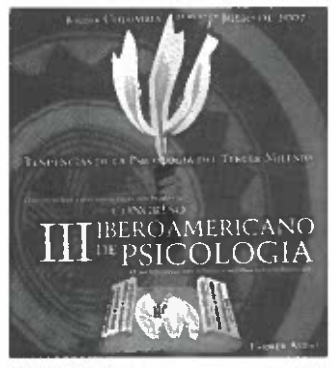
Treino de Sensibilidade em Psicologia do Esporte
Tema: As Influências das Emoções na Performance do Atleta
Curso com início em abril
Inscrições abertas no Instituto de Psicologia Humanitas
Informações (51) 3333.1046

Jornada de abertura APPOA 2002
Tema: A Beira da Loucura
Dia 6 de abril, em Porto Alegre
Inscrições e informações (51) 3333.2140

Formação em Psicoterapia Psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos
Cursos com início em março de 2002
Inscrições abertas no Instituto Bion
Informações (51) 3332.3943 ou 3335.3443

II Congresso da International Stress Management Association/IV Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho
Dias 24 e 25 de julho, em Porto Alegre
Inscrições abertas na Isma Brasil
Informações (51) 3330-1134

X Encontro Sul-Americano de Recursos Humanos/XIII Encontro Nacional de Administradores e Psicólogos
De 22 a 24 de maio em Gramado (RS)
Inscrições abertas até o dia 10 de maio
Informações (51) 3332.9293



III Congreso Iberoamericano de Psicologia/I Feria Iberoamericana de Facultades y Programas de Psicologia

Tema: Tendencias de la Psicologia del Tercer Milenio
De 21 a 27 de julho em Bogotá (Colômbia)
Informações nos sites www.cop.es ou www.abacolombia.org.co

Reflexões sobre a infância

História da Infância sem Fim

Autor: Sandra Mara Corazza

Editora Unijuí, 2000, 392 páginas



Gerson Smiech Pinho
Psicólogo e psicanalista, mestre em Psicologia Social e Institucional – UFRGS, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e do Centro Lydia Coriat de Porto Alegre

Em *História da infância sem fim*, obra nascida de sua tese de doutorado em Educação, Sandra Corazza combina uma pesquisa de ampla extensão com uma reflexão consistente e rigorosa. Ao longo do texto, somos convidados a percorrer com detalhe diversos territórios que compõe os discursos a respeito da criança, da infância e da infantilidade. Pouco a pouco, vemos desenrolar-se, através das páginas, a história das relações de poder-saber e das formas de subjetivação do modo moderno de ser infantil.

Para trabalhar estas questões, a autora utiliza como instrumental teórico a "caixa de ferramentas" produzida por Michel Foucault e seleciona como coordenadas para orientar seu estudo as noções de dispositivo e de história do presente. Com esta última, diferencia-se das monótonas versões da história que Foucault chamava de "histórias dos historiadores", procurando privilegiar a problematização da singularidade dos acontecimentos, suas descontinuidades e rupturas para configurar o "dispositivo de infantilidade", considerado como um dos dispositivos concretos da história genealógica do sujeito ocidental.

Ao contar esta história, a autora delimita o aparecimento do "infantil" na modernidade, a partir das modificações operadas no campo das representações. À medida em que se descobriu limitado pela morte, pelo tempo e pela contingência, o humano encontrou na figura da criança uma base para perpetuar seu sonho de infinitude e fazer um desvio em relação ao "nada" de sua existência. Nesse contexto, a pedagogia e as instituições escolares passaram a delimitar um mundo à parte para as crianças, no qual elas estariam isoladas e protegidas dos conflitos da vida dos adultos.

Atualmente, tem-se falado do "fim da infância": diz-se que a infância vem se perdendo, que as crianças têm sido tratadas como adultos e que a sociedade tem roubado sua possibilidade de ser infantil. Este fim aparece associado à privação da educação escolar e a escolarização é apontada como um dos remédios para a perda da infância, cujo efeito seria uma "infância-sem-fim". Assim, a Educação aparece como um dispositivo social que, ao mesmo tempo que constitui a infância, é uma das únicas salvaguardas contra sua morte anunciada.

O relato da autora sobre esta história da infância-sem-fim percorre diversos caminhos, desde as antigas práticas de infanticídio, passando pela exposição das crianças, até a exposição na Roda. Este último mecanismo, em que as crianças eram depositadas e recolhidas em instituições, permitiu racionalizar, ordenar e centralizar a antiga prática de exposição indiscriminada. Tanto as práticas de salvar as crianças "expostas" pelo recolhimento nas ruas, no século XVII, quanto através da Roda, no século XVIII, deram lugar, nos séculos XIX e XX, às práticas de educação, as quais implicavam, também, na "salvação", disciplina e regulamentação das crianças.

Ao longo do livro, vamos acompanhando como o corpo infantil foi sendo gradualmente marcado de história, precipitando significações que atravessaram e atravessam a noção de infância: dependente, servil, insignificante, pura, inocente, sagrada, louca, doente, primitiva, adulta.

A autora também sublinha o caráter constituinte que a escolarização abrangente da sociedade ocidental teve em relação à infância. Ao analisar as idéias de outros autores a este respeito, demonstra que, com a invenção da imprensa, por Gutemberg, em 1450, e com o surgimento da necessidade social de aprender a ler e a escrever, é criada uma nova definição de adultez, baseada na capacidade de ler, e também de infância, baseada na incapacidade de fazê-lo. Assim, os adultos passam a ter acesso a um meio de informação inacessível às crianças.

Porém, com o surgimento de novos meios de comunicação, a partir da invenção do telégrafo, em 1844, esta divisão vai deixando de ter importância, já que os adultos e as crianças passam a ter acesso às mesmas informações, principalmente, através da televisão. Como afirma a autora, "diante da televisão, as crianças e os adultos são iguais, abastecem-se na mesma fonte de notícias e de entretenimento. A televisão faz com que termine a distinção historicamente construída: entre duas culturas, uma infantil, outra adulta, e entre dois tipos de conhecimento, como a leitura e a escrita haviam promulgado." (p. 193-4) Com a televisão, encontramos uma aceleração do desenvolvimento infantil e a uma infantilização do adulto, já que diante dela ambos ficam situados em uma mesma posição. No interior deste contexto, a escola aparece como a instituição que trabalha a partir do pressuposto de que existem diferenças importantes entre a infância e a vida adulta e que, por este motivo, os adultos têm coisas de valor para ensinar às crianças. Embora a escola não possa diluir os efeitos da mídia, aparece como uma última forma de defesa contra o desaparecimento da infância.

A autora também analisa as relações entre os dispositivos de infantilidade e sexualidade, os quais combinam-se, produzindo a sexualização do infantil e a infantilização do sexo. Demonstra que todos os dispositivos de saber e poder relacionados à sexualidade, delimitados por Foucault, possuem relações com o dispositivo de infantilidade, integrando e implicando em seus processos, o infantil.

No final do livro, precipitam-se cinco figuras de uma ética da infantilidade, as quais emergem como um "retrato" das figuras infantis que percorremos ao longo das páginas. Figuras que surgem como ponto de basta desta história da infantilidade e cuja função é apontar alguma resposta à questão a respeito do tempo presente desta história.

Este texto foi publicado, originalmente, no Correio da APPOA de Janeiro/2002.

Embora a escola não possa diluir os efeitos da mídia, ... aparece como uma última forma de defesa contra o desaparecimento da infância.